



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Quinta-feira > 19/10 > 16:00-17:30  
Auditório Baesse

Adrianos Mattos Corrêa, Bárbara Tortato, André Martinelli Piasson, Flávia de Andrade Niemann, Hully Pastorio Pereira, Lucas Chaves, Tauana Bianchetti. > Escola de Arquitetura da UFMG  
**Esforços (...encarnações) por existir (...esbarrar) inscritos (...mediados) na cidade: um diálogo na distância de Ricoeur (...à proximidade de Merleau-Ponty).**

Falemos sobre a percepção (...mais que o percebido: a ação) mediada na cidade pelo olhos das crianças - não imediata, que não diz nada além da certeza de um si cartesiano: é preciso uma interpretação (... uma abordagem, um gesto tangível, um vidente capaz/disposto a olhar e assim encarnar o olhado, - a cidade vivida) para que se faça (...se deseje) uma reflexão (...in/corporação). E esta reflexão (... in/corporação) precisa de termos mediadores (... a espacialidade da cidade é por si a própria mediação) onde se refletir (...esbarrar/esfolar): os quais são, por excelência, obras (objetos: objeção no latim, problema no grego, - que obstrui os caminhos das gerações por vir) que testemunham anteriores esforços por existir e que ora podem ser re/apropriadas (...que carecem ser superados pelos arquitetos dos próximos dias) pelo sujeito. Que obras são estas? ...que re/apropriação (...que outra invenção) é esta? Como alcançá-la (...vivê-la) na intensidade proposta por Jane Jacobs, com espaços re/construídos (...inventados) para diferentes pessoas? Como focar (...viver) a vida nas singulares dimensões de cada lugar? Construindo práticas cotidianas como sugerido por Ana Fani? Como percebermos os indícios - à Carlo Ginzburg - de tais apropriações em vestígios deixados por cada outro no social? e os re/utilizarmos (...inventarmos) em urbanizações mais in/formes e mais tangíveis? Justifiquemos a escolha de conversas distantes - entre crianças de

uma escola construtivista (que aprendem através da interação com seus pares e o meio no interior do Rio Grande do Sul) e jovens estudantes de arquitetura em formação na UFMG (que se dispõem à experiência da cidade): via regiões na hermenêutica do filósofo francês Paul Ricoeur, a qual marca e valoriza esta distância e contrapostas a fenomenologia da encarnação de Merleau-Ponty e a possibilidade da experiência de uma comunidade de diferentes vislumbrada por Georges Bataille.

Adriano Mattos Corrêa (doutor NPGAU pela EA-UFMG, mestre em Poéticas da Modernidade pela FALE-UFMG)

André Martinelli Piasson (especialista em Cultura Material e Arqueologia pela Universidade de Passo Fundo – RS)

Bárbara Araldi Tortato (mestre em Filosofia pela Universidade de Coimbra - PT)

Flávia de Andrade Niemann (mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo - RS)

Hully Pastorio Pereira (especialista em Educação Ambiental pelo centro Universitário Barão de Mauá - SP)

Lucas Chaves (licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Passo Fundo – RS)

Tauana Bianchetti (mestre em Ensino de Ciências Matemáticas pela Universidade de Passo Fundo - RS)

[José Luiz Furtado](#) > [Universidade Federal de Ouro Preto - PPG Filosofia da arte](#)  
**Arte transgressão e transcendência na estética fenomenológica de Michel Henry**

A despeito do grande número de textos dedicados ao problema do engajamento da arte, a questão permanece em aberto pelo fato da ausência de referência explícita, em geral à dimensão ontológica na qual ela se encontra inscrita. Porque engajamento pode significar a tomada de partido por uma determinada ideologia política, a denúncia de um estado social presente, a apologia de organização utópica futura da vida cotidiana dos homens ou a postura da arte tomada como um todo em relação à totalidade das potencialidades

subjetivas da vida. Neste último caso a arte possuiria um caráter de excepcionalidade, tanto no que diz respeito à criação quanto à fruição ou gozo das obras. Excepcionalidade em relação ao trabalho tanto quanto em relação ao consumo na medida em que se distanciaria das necessidades vitais concebidas em sentido amplo. Haveria assim uma relação íntima entre o caráter transgressivo da arte e sua transcendência. A arte transgride as coações a que a vida cotidiana se encontra submetida na medida em que os poderes da subjetividade que ela põe em jogo, tanto na estética da criação quanto da recepção, não tem normalmente oportunidade de se desenvolverem no meio dos afazeres diários aos quais a existência se encontra submetida. Esta transgressão não possui, no entanto, um sentido meramente político, estendendo-se para além das diferentes formas históricas de organização da sociedade, para o que cada vida humana, subjetivamente considerada, contém de excessivo em relação ao campo de possibilidades de realização abertos pela política. A transcendência da arte diz respeito pois à inadequação essencial entre a totalidade das potencialidades subjetivas da vida em nós, isto é, em cada individualidade, e o mundo que a atividade política tem por dever consolidar à medida da nossa humanidade. Para referendar nossa tese nos apoiaremos na “fenomenologia material” de Michel Henry para quem o “mundo” da arte reside na interioridade da vida concebida essencialmente como afetividade, e desenvolvida principalmente na obra “Voir l’invisible”.

Hélio Salles Gentil > USJT (Universidade São Judas Tadeu)

### **Ricoeur, Sartre e a intencionalidade das obras literárias**

A quem se dirigem as obras literárias? Com que finalidade? De que maneira? Com que efeitos? O trabalho que aqui se apresenta examina tais questões colocando em confronto duas perspectivas que, a partir da mesma raiz fenomenológica, desenvolvem-se em direções diferentes: a de Jean-Paul Sartre e a de Paul Ricoeur. O engajamento e a intervenção no mundo da ação, privilegiado por Sartre, encontra, na dialética do pertencimento e do distanciamento trabalhada por Ricoeur, mais do que uma oposição, um esclarecimento

do modo como as obras de ficção intervêm no mundo a partir de sua autonomia enquanto obras. A distinção de Ricoeur entre o mundo da ação e o mundo do texto, com destaque para o caráter de "variação imaginativa" deste último, encontra, nas elaborações de Sartre sobre a imaginação e o imaginário, uma possibilidade de esclarecimento e aprofundamento de sua compreensão. O contraste maior entre as duas perspectivas coloca-se entre a ênfase na consciência e na liberdade do leitor, do lado de Sartre, e a ênfase na "fusão de horizontes" entre o mundo do texto e o mundo da ação do leitor, do lado de Ricoeur, contraste cujo exame nos leva às conclusões sobre o modo de participação das obras literárias na construção do mundo humano, participação que abarca e responde às perguntas colocadas no início.